



ISSN: 2175-5493

**IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

5 a 7 de outubro de 2011

---

**ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICO-DISCURSIVA DA NAÇÃO NORDESTINA**

Joslan Santos Sampaio\*

(UESB)

**RESUMO**

Este trabalho consiste em uma leitura das obras Pedra Bonita, Menino de Engenho e Cangaceiros de José Lins do Rêgo, O Quinze, de Rachel de Queiroz e A Bagaceira, de José Américo de Almeida. Estes autores fizeram parte do movimento literário conhecido como “Romance de 30”. Nosso objetivo consistiu em acompanhar o processo de uma representação discursiva, calcada na invenção de uma possível identidade nordestina. Esta, por sua vez, representaria a região como espaço da seca, do cangaço, do messianismo, do coronelismo e do atraso enquanto elementos homogeneizadores da região. Assim, a leitura das obras em tela, traz-nos a possibilidade de entender como um grupo de letrados pôde construir, por meio do cânone literário, o sonho de uma nação nordestina estereotipada nos romances de trinta.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Literatura, Nação**INTRODUÇÃO**

Neste Trabalho, destaca-se o período de construção da cultura e identidade nacional. Não obstante, é lícito ressaltarmos que este processo de formação da identidade nacional foi, também, responsável pela construção de culturas regionais, consideradas em determinado momento como um estágio para a formação da identidade e cultura nacional. Nesse sentido, não podemos furtar o nosso olhar para a importância que os romances tiveram, enquanto objetos

---

\* Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Especialista em Teoria e História Literária (UESB). E-mail: [johistoria@yahoo.com.br](mailto:johistoria@yahoo.com.br)



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

culturais, capazes de proporcionar as ferramentas necessárias para tornar inteligível a construção imagético-discursiva da nação. Desta maneira, os romances nos servirão não apenas com documentos inertes, sobretudo, como monumentos discursivos, erigidos por uma determinada classe dominante, detentora de um poder que não se alicerça somente no Estado mas, principalmente, em todas as relações sociais, política, culturais e econômicas.

O processo de construção da identidade cultural brasileira iniciou-se logo após a Primeira Guerra Mundial, principalmente entre os anos vinte e quarenta do século passado. Porém, para se tornar possível e inteligível a construção de uma identidade nacional, era fundamental conhecer o Brasil para saber como dizer, como ver e como pensar a nação em sua totalidade cartográfica. A dificuldade de transportes e de comunicação nesta época, fazia com que as regiões brasileiras se isolassem e, ao mesmo tempo, desconhecem suas irmãs nacionais, o que dificultava o processo de formação da cultura nacional. Portanto, por uma necessidade, passa-se a ganhar força na intelectualidade brasileira o estímulo aos vários regionalismos. Assim, os doutos:

Buscam nas partes a compreensão do todo, já que se vê a nação como um organismo composto por diversas partes, que deviam ser individualizadas e identificadas. A busca da nação leva à descoberta da região como um novo perfil. (ALBUQUERQUE JR, 2001, p.41)

Desta forma, para tal empresa, tornou-se pré-requisito para os doutos da nação a construção de possíveis leituras regionais, que viessem legitimar a produção de certos estereótipos, sob a rubrica de uma “origem” nacional alicerçada sobre certos costumes, modo de vida, práticas sociais e lugares de mundo. Em outras palavras, buscou-se forjar identidades díspares dentro de um mesmo território nacional. Para Milton Santos (1987), a identidade regional possui



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

uma importância muito grande na construção identitária do indivíduo. Nesse sentido,

O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também é um dado simbólico. A linguagem regional faz parte desse mundo de símbolos e ajuda a criar esse amálgama, sem o qual não se pode falar de territorialidade. Esta não provém do simples fato de viver num lugar, mas (sic) de comunhão que com ele mantemos. (SANTOS, 1987, p. 61)

Logo, a construção do sentimento de lugar provocaria efeitos visíveis na organização e expressão da identidade e da cultura brasileira. Assim, na tentativa de se construir um sentido de nação, aflora-se os vários discursos regionais, evidenciando suas diferenças e identidades, dando materialidade a cada região. “Cada região vai tomar seus “costumes” como os costumes nacionais e tomar os costumes das outras áreas como regionais, como estranhos” (ALBUQUERQUE JR, 2001, P. 42).

É importante frisarmos que na esteira da formação destes discursos as obras literárias tiveram importância decisiva, sendo entendidas, sobretudo, como discursos, como produtoras da realidade, pois o discurso literário possui ressonância em todo o social sendo interpretados, inclusive, como instrumentos de produção de sentido e de significados. Portanto, corroboraram com a forma de ver e de dizer a realidade, ajudando a construir as imagens e os textos das regiões criando, desta forma, uma identidade, uma homogeneidade para a região e, posteriormente, para a nação.

Desta forma, baseados nos discursos regionais do período, que também foram construídos pela literatura e pela imprensa, inventam-se duas regiões culturalmente importantes, o Nordeste se configurando como o espaço do atraso, dos absurdos, e São Paulo, que se configurou como o espaço do progresso, da

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

influência europeia graças aos imigrantes. Isto ficou evidente em uma série de reportagens feitas pelo jornal O Estado de São Paulo sobre o Nordeste:

[...] enviado a Joaseiro (sic), considera a inferioridade racial dos nordestinos como responsável ao aparecimento dos “fanáticos boçais que se disseminavam pela região” e pelas “turbas que os assediavam, homens e mulheres de aspectos alucinados, olhos esbugalhados, com os braços estendidos, atirando-se por terra, tentando tocar a barra da batina do beato”, como também pela violência dos bandidos facinorosos”. Questionava-se como podia tal povo ser a base de construção de uma nação. (ALBUQUERQUE JR, 2001, p. 44)

Em outra perspectiva, numa nova reportagem, agora sobre o Sul, serviu para ratificar a ideia de que São Paulo deveria ser a base da cultura nacional, repleta de progresso e civilidade:

Logo após essa série de artigos intitulados “Impressões do Nordeste”, o mesmo jornal inicia uma outra série intitulada “Impressões de São Paulo”, com o nítido objetivo de construir uma imagem para São Paulo, em contraposição às descrições do Nordeste por Paulo Moraes. A estratégia era demonstrar a superioridade de São Paulo e de sua população, formada por elementos europeus. Assim, a escravidão e os negros parecem não ter aí existido; os índios e os mestiços menos ainda. (ALBUQUERQUE JR, 2001, p. 44)

Estes regionalismos eram, se não enaltecidos, pelo menos aceitáveis para os intelectuais nacionalistas, pois viam o regionalismo como uma etapa para a formação da cultura e identidade nacional. Antônio Cândido, já afirmava isso:

O nosso nacionalismo foi antes forjado em posições regionalistas. Mas o regionalismo pré-modernista se mostrava, com seu “conto sertanejo”, artificial, pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

condescendência em relação ao próprio país, encarando com olhos europeus nossas realidades mais típicas. O homem do campo é visto como pitoresco, sentimental, jocoso (CÂNDIDO, 1967, p. 113).

No entanto, este regionalismo deveria sucumbir após a formação e consolidação da cultura nacional. Assim, tinha-se criado dois importantes espaços que possivelmente poderiam conduzir o processo de formação da cultura e identidade nacional: o Nordeste e São Paulo. Esta dicotomia e certa rivalidade entre as regiões ficam evidente nas palavras de Franklin Távora<sup>184</sup>, no prefácio da obra *O Cabeleira* “o Norte ainda não foi invadido como o está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro” (TÁVORA, 1973, p. 27), ratificando aí a ideia de que o Norte deveria conduzir o processo de formação de uma literatura e cultura nacional limpa, sem a invasão do estrangeirismo. Em contrapartida, o autor Nina Rodrigues, influenciado pelo naturalismo ou pelo regionalismo literário naturalista afirma, enquanto defensor de São Paulo, que

o próprio clima e o nível de civilização atingidos pelo Sul seriam responsáveis pela eliminação progressiva de possíveis manchas negras aí existentes. O Norte, por seu clima tropical e a pouca civilização favorecia à manutenção dos elementos negros e mestiços, com sua inteligência viva e pronta, mas turbulenta, com sua inércia e indolência (ALBUQUERQUE JR, 2001, p. 58).

Estes discursos já mostravam o estereótipo preconceituoso sobre o nordestino, construídos, sobretudo, não por um indivíduo, mais por um grupo. Ganha destaque, neste momento, a contribuição de um grupo de intelectuais nordestinos que ajudaram a forjar a ideia do nordeste enquanto espaço do atraso,

---

<sup>184</sup> Franklin Távora é considerado o grande nome da primeira fase do romance nordestino, datado das últimas décadas do século XIX.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

do cangaço, do messianismo, do coronelismo, da indolência, etc. Este grupo faz parte de um movimento literário que responderá sob a rubrica de o “romance de trinta”<sup>185</sup>, período que a prosa literária nordestina ocupou uma posição de destaque nas letras brasileira, destacando-se: José Lins do Rêgo, José Américo de Almeida e Rachel de Queiróz. Estes intelectuais enfatizavam a mestiçagem, a tropicalidade, as relações sociais nordestina e a seca como elementos de identidade do Nordeste. A ênfase nestes temas era fruto da influência do discurso de Freyre, pois segundo Albuquerque Júnior:

A identidade nacional, em Freyre, aparece ligada a estes dois temas: o da mestiçagem e o da tropicalidade. Em ambos, o Nordeste deixava de ocupar uma posição de subalternidade na formação da nacionalidade, lugar reservado a ele pelo discurso naturalista, para se tornar o próprio cerne deste processo. O mito da mestiçagem transforma a construção da identidade nacional num processo de homogeneização cultural e étnica. (ALBUQUERQUE JR, 2001, p. 96)

Estes intelectuais do romance de trinta traziam, ainda em seus romances, a vida nos canaviais, a linguagem do matuto nordestino, a tradição nordestina, os sofrimentos, os modismos regionais, a seca, o patriarcalismo, as relações de poder, como os elementos que ajudavam a criar uma identidade para a região. Estas obras apresentavam-se, quase sempre, no âmbito do patriarcalismo rural nordestino, no mundo criado pela atividade açucareira – um tema estudado magistralmente por Gilberto Freyre – que contribuiu para fundamentar o romance do Nordeste. Assim, a ficção brasileira moderna erigiu uma vasta galeria de personagens simbólicos, nos limites de condições ambientais típicas.

---

<sup>185</sup> O romance de trinta sofrerá fortes influências do famoso movimento Regionalista e Tradicionalista de Recife, que será liderado por Gilberto Freyre, com a fundação do Centro Regionalista do Nordeste em 1924. Este movimento tentou criar uma nova identidade para a região, ancorada em um discurso de bases sociológicas, que influenciará os letrados nordestinos da segunda fase do movimento.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Estes discursos ajudaram a inventar o Nordeste, homogeneizando suas impressões e deixando de lado suas diferenças internas. José Lins do Rêgo, sem dúvida nenhuma, foi um dos principais responsáveis pela construção desta ideia de Nordeste, porém, sua visão foi um tanto quanto idílica, fruto de suas vivências no engenho, na casa grande, onde ouvia histórias “fabulosas” sobre as peripécias “bondosas” de seu avô.

As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a “rua”, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. [...] o meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão. As suas filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa grande e a mesma passividade de bons animais domésticos. (RÊGO, 1983, p. 41)

Este é o Nordeste da ordem estabelecida pelo senhor de engenho, onde ninguém passava fome, ninguém vadiava, onde existia um respeito entre senhores e escravos. Esta relação vai contribuir para o fortalecimento da sociedade patriarcal, que vai marcar a região, também, no período do coronelismo. “O coronel pleiteia e distribui, protege e mobiliza a segurança coletiva”. (FAORO, 2000, p. 254)

O coronel, figura sempre marcante na literatura nordestina, fora apresentado ora como um ser bondoso, justo, paternal como o avô de José Lins do Rêgo, que via no avô coronel a segurança e a proteção patriarcal da região, ora como um ser mesquinho, injusto, violento como o coronel Dagoberto, de A Bagaceira de José Américo de Almeida.

O exemplo do coronel traçado por José Lins do Rêgo, como o homem que põe ordem à região, justo e bondoso pode ser percebido na obra Pedra Bonita,

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

onde o coronel Nô, rival do coronel Florentino desafiou o cangaceiro Antônio Silvino seu amigo, em defesa da ordem na região do Mogeiro:

[...] Esses dois homens viviam emburrados. Pois bem, Antônio Silvino, foi direto à casa do coronel Florentino para arrasar tudo o que este tinha. Chegou um sujeito dizendo ao coronel Nô. [...] Pois bem, o coronel Nô saiu sozinho, entrou de casa adentro do seu inimigo e esbarrou com o chefe Antônio Silvino de cara. E falou duro com o bandido. Dizendo para ele parar com aquela desordem. Ele não permitia que no Mogeiro se fizesse uma coisa daquelas. Silvino quis estrebuchar. O coronel foi em cima e o cabra então mandou parar o saque. (RÊGO, 1973, p. 37-38)

Portanto, a imagem e o discurso do coronel criado por José Lins do Rêgo é do homem justo, mantenedor da ordem, que chega inclusive a brigar com um amigo em defesa de um rival apenas para estabelecer a ordem do lugar onde vive. Em contrapartida, a produção imagética discursiva de José Américo de Almeida, em torno do coronel, como já foi dito anteriormente, é do coronel cruel e injusto:

- Patrão, o cavalo se embaraçou e morreu enforcado!  
- Cabra de peia, você foi culpado! E, ali mesmo, o senhor de engenho tirou o rebenque do armador e deu-lhe como nunca se dera em negro fujão.  
O bravateiro apanhou de cabeça baixa talvez para livrar o rosto de alguma lapada cega. (DE ALMEIDA, 2004, p.113)

É do coronel mesquinho, que aproveita da desgraça sertaneja para enriquecer e consolidar o seu poder e autoridade na região:

Dagoberto olhava por olhar, indiferente a essa tragédia viva. A seca representava a valorização da safra. Os senhores de engenho, de uma avidez vã, refaziam-se da depreciação dos tempos normais à custa da desgraça periódica. (DE ALMEIDA, 2004, p. 9)





ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Esta obra de José Américo de Almeida é extremamente relevante para a produção imagética discursiva em torno da região Nordeste, pois, antecipou a discussão em torno do cotidiano na vida dos canaviais, na dicotomia entre a sociedade do brejo e do sertão, o sofrimento dos retirantes, a linguagem do matuto nordestino, com seus modismos regionais<sup>186</sup>.

Este mesmo movimento, denominado “romance nordestino”, será o responsável por evidenciar, também, o fenômeno do cangaço. Este será outro tema que marcará a região Nordeste, estando sempre presente nos romances de trinta, o cangaço vai estereotipar a região com o símbolo da macheza, da violência, das atrocidades, do sangue, da valentia etc. O ciclo do cangaço ou banditismo social durou no Brasil, setenta anos: de 1870 a 1940. Foi típico da região Nordeste.

O bandido social é, em geral, membro de uma sociedade rural e, por várias razões, encarado como proscrito ou criminoso pelo Estado e pelos grandes proprietários. Apesar disso, continua a fazer parte da sociedade camponesa de que é originário e é considerado como herói por sua gente, seja ele um “justiceiro”, “vingador” ou alguém que rouba aos ricos. (DÓRIA, 1981, p. 11)

No final do século XIX, com o aumento da produção algodoeira no Nordeste, modificou-se a economia do sertão. A terra valorizou-se e a vida ficou mais difícil para os pobres. Com as secas e o fim da Guerra nos EUA, a situação piorou no Nordeste, muitos se organizaram em bandos para assaltar e conseguir alimentos, outros bandos surgiram para combater desmandos e injustiças de algum coronel:

Era uma história da seca de 77. O povo estava morrendo no Ceará, morrendo de sede. Morria homem, morria menino, morria mulher. No Sobral não cabia mais gente. Morava até povo na torre da igreja. O imperador mandou o dinheiro para salvar o povo. O

---

<sup>186</sup> Não é a toa que *A Bagaceira*, é considerada o marco inicial da segunda fase do movimento modernista brasileiro e inaugura o ciclo do romance nordestino dos anos 30.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

dinheiro chegou. Mas os grandes da terra comeram, roubaram o povo. Foi quando apareceu Jesuino Brilhante para castigar os miseráveis. Ele vinha do sertão afora fazendo o diabo com os grandes. Dando ordens. Matando ladrão, salvando o povo. (RÊGO, 1973, p. 179)

Foi nesse contexto que se formaram os bandos autônomos de cangaceiros que vão atrair o imaginário dos pensadores intelectuais a cerca do Nordeste, o cangaceiro justiceiro, que salva o pobre sertanejo das mazelas dos grandes e do Estado. Alguns dos coronéis tinham interesse em manter contato com esses bandos, para evitar ataques e, às vezes, por precisarem de algum serviço.

As histórias envolvendo cangaceiros sempre estiveram presentes nos romances sobre o Nordeste, o próprio José Lins do Rêgo, em *Meninos de Engenho*, quando Carlinhos relata um encontro com o famoso cangaceiro Antônio Silvino “Maria Clara indagava por Antônio Silvino. Então me derramava em histórias. [...] uma vez matara uma onça numa luta corpo a corpo.” (RÊGO, 1983, p. 70) Tudo isto ajudou a construir a ideia do Nordeste como uma região de grandes dramas, de matanças, coragens, desmandos etc.

No entanto, de todas as obras literárias sobre o Nordeste, poucas deram tanta ênfase no cangaço, quanto à obra *Cangaceiros* de José Lins do Rêgo. Nesta obra, o autor retrata as estórias do cangaceiro Aparício que representava uma espécie de justiceiro da região, “Mió que tivesse ido pro cangaço. Aparício não rouba de pobre e castiga os graúdos. Ói, se tivesse cangaço pra muié, estava nele” (RÊGO, 1970, p.21). Esta obra deixa explícito o padecimento do povo nordestino, para os quais “quando não é a seca, é o cangaceiro, é o soldado” (RÊGO, 1970, p. 17) que trará o sofrimento à este povo, marcando, desta forma, o discurso e a imagem a cerca da região.

Não podemos nos furtar de falar sobre o movimento messiânico, que também marcará as obras literárias acerca da região nordestina. O messianismo se

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

configurar-se-á como um movimento de loucura coletiva, onde existirão leis próprias e independentes o que não convém com a idéia de nação. Para Albuquerque Júnior:

Esta produção literária transformará os movimentos messiânicos num tema regional, irá ligá-los à imagem do Nordeste, embora tenham ocorrido em várias partes do país. Isto se deve, em grande parte, à chaga aberta na memória nacional pelo movimento de Canudos e à narrativa feita por Euclides da Cunha, em *Os Sertões*. [...] A terra de beatos a morrer em defesa de seu mundo imaginário e sagrado passou a ser a terra seca do Nordeste. (ALBUQUERQUE JR., 2001, p. 127)

Estes movimentos messiânicos, em especial, o movimento de Canudos e o fenômeno do Padre Cícero contribuíram bastante para associarem ao Nordeste um fanatismo e estranhamento religioso que acompanha a região até hoje, muito devido às narrativas de Euclides da Cunha envolvendo o tema. Muito embora, a obra de Euclides da Cunha passa a população e o padrão de organização em Canudos com certa excentricidade, a organização em Canudos não destoava da normalidade tradicional do sertão. Tanto Canudos quanto Juazeiro, se tornaram importantes graça a descrença que o sertanejo tinha nas autoridades centrais.

Contudo, de todos os temas acerca do Nordeste, nada marcará tanto a região quanto o tema da seca. Este fenômeno é considerado como o elemento responsável pela ruptura social, econômica e política da região. Foi à terrível setentona (a seca de 1977-79), o fenômeno escolhido como o principal responsável pela desestruturação da região e elemento impulsionador do surgimento do messianismo, do cangaço, dos retirantes e do marcante coronelismo

O fenômeno da seca será tão importante e marcante na literatura do romance de trinta, que a própria região foi pensada em torno da seca. Na realidade a região Nordeste nada mais foi do que uma área de atuação do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), onde, toda a região que era atendida por

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

este órgão, esta região “problema”, foi homogeneizada e identificada como Nordeste.<sup>187</sup>

Nas obras literárias, a seca será apresentada como o elemento causador das tragédias nordestinas, da desorganização familiar, social e econômica, das transformações radicais. Desta forma, virou quase uma regra nos clássicos nordestinos a presença marcante do tema da seca e do fenômeno dos retirantes. Vejamos *O Quinze*, obra de Rachel de Queiroz, que narra o drama da seca de 1915, quando o casal de retirantes Chico Bento e Cordulina procurava o filho Pedro desaparecido:

Lá de dentro uma voz de mulher disse baixinho:

- Abre não, menina, é retirante... É melhor fingir que não ouve...

Chico Bento ficou escutou; e sua voz lenta explicou, dolorida:

- Não vim pedir esmola, dona; eu careço é de ver o delegado daqui... (QUEIROZ, 2004, p. 87)

Nesta obra, Rachel de Queiroz materializa bem o sofrimento e a desestruturação que a seca provoca na família nordestina e sertaneja, entretanto, a autora passa a visão de um sertanejo forte, que resiste e enfrenta a seca: “Era o mesmo homem forte do sertão, de beleza sadia e agreste, tostado de sol, respirando energia e saúde...” (QUEIROZ, 2004, p. 81). Assim, foi possível averiguar que o discurso literário contido nos romances de 30, ajudou a forjar a ideia de nação nordestina. Nesse sentido, o contato inevitável entre a História e a Literatura, constitui parte importantíssima de interpretação e leitura de uma memória discursiva.

---

<sup>187</sup> Ver *Vida e Morte no Sertão* de Marco Antônio Villa.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 2ª ed. Recife: FJN Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. Um Leque que Respira: a questão do objeto em História. In: Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 149-164.
- ALMEIDA, José Américo de. A Bagaceira. In: M. Cavalcanti. **Proença**. 37ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. São Paulo: Itatiaia. 6ª ed. 1981.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- DÓRIA, Carlos Alberto. **O Cangaço**. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Vol. 2/ 10. ed. – São Paulo: Globo; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. (Tradução de Bernardo Leitão), 4ª ed. Campinas: UNICAMP, 1996.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 77ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- RÊGO, José Lins do. **Cangaceiros**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Pedra Bonita**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Menino de Engenho**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.
- TÁVORA, Franklin. **O Cabeleira**. São Paulo: Editora Três, 1973.
- VILLA, Marco Antônio. **Vida e morte no sertão: História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Editora Ática, 2001.